

O medo e o silêncio na memória dos moradores do Bico do Papagaio: Lembranças da experiência da Guerrilha do Araguaia

Wellington Sampaio da Silva*

Resumo

O texto discute a partir da memória dos moradores do Bico do Papagaio, as estratégias utilizadas pelos militares durante a Guerrilha do Araguaia para impor à população local o medo e o silêncio em relação a presença dos chamados paulistas (guerrilheiros) na região. Através dos depoimentos dos moradores, podemos perceber que o silêncio presente até os dias atuais, foi o reflexo do medo imposto pelos militares na época do conflito.

Palavras chave: Guerrilha do Araguaia. Memória. Medo

Abstract

The text discusses from the memory of the residents from the Papagaio's Beak, the strategies used by the military during the Araguaia Guerrilla to impose the local population fear and silence on the presence of the called paulistas (guerrillas) in the region. Through the information from the residents, we can realize that this silence until the present days, was the reflection of the fear imposed by the soldiers in the time of the conflict.

Keywords: The Araguaia Guerrilla. Memory. Fear.

O medo e o silêncio no contexto da Guerrilha do Araguaia

A Guerrilha do Araguaia (1966-1975) pode ser analisada de diferentes maneiras, a nossa escolha parte da experiência das pessoas comuns¹, gente que, no seu dia-a-dia, experimentou a convivência seja com os guerrilheiros, seja com os militares e que, a partir daí, construiu um saber sobre a guerrilha. Nesse sentido, buscamos, com base na metodologia da história oral, recolher e entender a visão que a população da região do Bico do Papagaio elaborou como fruto de suas experiências. Entendemos por memória histórica as lembranças dos moradores sobre um evento histórico (nesse caso, a Guerrilha do Araguaia), mediada pelas suas experiências que, na maioria das vezes, se constituíram enquanto traumáticas. São,

¹ * Mestre em História e professor substituto da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Ao nos referir às **pessoas comuns**, queremos destacar as narrativas dos moradores da região, palco do movimento do Araguaia. Pessoas que têm uma tradição ágrafa e que, por isso, são colocadas à margem sua forma de conhecimento. A partir da concepção thompsoniana de "história vista de baixo", na qual há ênfase nos sujeitos históricos e projetos silenciados (THOMPSON, 1987: 13), desejamos analisar, através da memória das pessoas simples da região do Araguaia (agricultores, quebradores de coco babaçu, donas de casa, comerciantes, barqueiros, garimpeiros e professores), suas experiências vivenciadas durante a Guerrilha do Araguaia arquitetada pelos militantes do PC do B (Partido Comunista do Brasil).

portanto, lembranças de um acontecimento que marcou o nosso país. Lembranças de pessoas que têm um saber baseado na experiência e não no rigor científico.

A nossa escolha, por trabalhar com a memória dos moradores, explica-se, inicialmente, porque os trabalhos relacionados à Guerrilha do Araguaia, geralmente, priorizaram aspectos políticos e militares.² Assim, sem negar a importância dos demais enfoques, nosso texto deseja contribuir com aqueles poucos enfatizados, como o medo e o silêncio que permeia o assunto.

Dessa maneira, nasceram alguns questionamentos: Medo de quê? Qual o principal motivo que levou os moradores do Bico do Papagaio a terem medo de falar sobre o tema? Por que o silêncio/medo da memória sobre a guerra? Dentro de uma perspectiva histórica, como defini-lo? Segundo Delumeau, embora múltiplo, o medo pode ser assim conceituado: “O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária)” (DELUMEAU, 1989: 24). Partindo desse pressuposto, talvez o mesmo tenha surgido devido ao contexto do momento da guerrilha, pois a região do Bico do Papagaio foi, durante toda a fase da guerra (1972–1975), constantemente vigiada pelas Forças Armadas. Além disso, mesmo depois do final do conflito, houve uma intensa fiscalização aos moradores. Ora, não podemos deixar de levar em consideração as táticas utilizadas pelos soldados do Exército para conseguir da população local, a localização dos chamados guerrilheiros. Na nossa visão, dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia, o medo e o silêncio são inseparáveis. A existência do medo contribuiu para a população silenciar durante muitos anos sobre aquela experiência, ou seja, o silêncio dos moradores foi reflexo do medo. Ao se referir ao panorama da região à época da guerrilha, a senhora Maria de Fátima Costa e Silva destacou que, apesar de tantos anos, a guerrilha ainda é um assunto difícil de ser narrado por algumas pessoas. Nesse sentido, afirmou:

Muito tensa, com muito medo. O regime colocava esse medo nas pessoas. Então até hoje tem pessoas que tem medo. Eu conheço pessoas que tem medo de falar sobre assunto ainda apesar de tantos de anos é um assunto comum. Mas muita gente ainda tem medo porque naquela época a pressão era grande. Se uma pessoa desse apoio a um guerrilheiro ele era punido de imediato com castigos severos.³

² Para um maior aprofundamento sobre os aspectos políticos e militares referentes a Guerrilha do Araguaia, veja: PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. A saga do Araguaia. São Paulo: Global, 2002. MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: Os Arquivos secretos da Guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2005. GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. FELIPE, Gilvane. **A Guerrilha do Araguaia** (Brasil: 1966–1975). Tese de doutorado apresentada ao Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL). Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), 1993. CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia – a esquerda em armas**. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

³ Entrevista com a senhora Maria de Fátima Costa e Silva, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 21/01/2006. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo Pessoal.

Segundo Romualdo Pessoa Campos Filho, a presença do medo na região fez parte do cotidiano da população até meados da década de 1980. Partindo do depoimento do ex-missionário francês da ordem dos Oblatas, Emmanuel Wambergue (Mano) disse:

Olha, até prova em contrário, no período até 80/82, a gente poderia dizer que o que sobrou foi um grande medo (...) A partir dos anos 80 começou a se saber melhor da história da guerrilha, por que eles estavam aqui, o que eles queriam, e também a influência que teve aqui, a partir dos anos 80, do PC do B. O PC do B ficou conhecido pelo povo, pelo menos pelas lideranças. Então tem, hoje, eu digo só hoje, um certo interesse em conhecer, por parte das lideranças, o que é que aconteceu naquele tempo. Lideranças, por exemplo, do movimento sindical, um outro político (...) de saber por que é que aconteceu tudo isso. Mas isso aqui é extremamente recente. **Antes o que sobrou foi um grande medo, e até hoje provavelmente vocês vão encontrar gente que não vão falar, até hoje.** Porque a lembrança que se tem, da guerrilha, da repressão, do que aconteceu da guerrilha mesmo (CAMPOS FILHO, 1997: 174). (Grifos nossos).

Assim, dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia, o silêncio pode ser interpretado como uma maneira de a população local se defender das constantes ameaças feitas pelas Forças Armadas. O silêncio, na nossa interpretação, foi uma tática utilizada pelos moradores para resistir à pressão de denunciar os guerrilheiros e contribuir com o Exército.

E o medo? Além ser uma defesa biológica do organismo humano, o medo é também uma construção cultural, pois somos educados desde criança a temer algo. Dentro do contexto da Guerrilha do Araguaia, o medo foi um recurso utilizado pelas Forças Armadas para isolar a população dos guerrilheiros. Para isso, os militares instituíram na região práticas como ameaças de tortura, fiscalizações, invasão às propriedades e expulsão dos camponeses das mesmas e exibição dos corpos dos guerrilheiros mortos.

Assim, diante dessa realidade, é necessário diferenciar o medo de covardia. Se houvesse uma sinonímia, poderíamos interpretar o medo sentido pela população do Araguaia como um ato de covardia, de não-envolvimento dos moradores com a causa dos militantes do PC do B, ou seja, como uma simples indiferença. Entretanto, essa prática não aconteceu. O medo foi resultado da própria insegurança que o contexto do momento exigiu, e a população foi levada a essa prática. Pois como afirma Delumeau: “A necessidade de segurança é portanto fundamental; ela está na base da afetividade e da moral humanas. A insegurança é símbolo de morte e a segurança símbolo de vida” (1996: 19).

Podemos perceber o medo estabelecido na região do Bico do Papagaio, através das estratégias utilizadas pelas Forças Armadas, no sentido de marcar a vida da população local. Assim, o medo pode ser percebido e/ou materializado a partir de três estratégias: as formas de os militares perseguir e matar os guerrilheiros, os métodos utilizados por eles para perseguir e torturar os moradores locais e o teatro do terror. Além disso, percebemos a ação dos

guerrilheiros no sentido de intimidar os soldados do Exército, levando aos mesmos o pânico e a insegurança, o que denominamos de contrateatro. Vamos aqui enfatizar apenas uma dessas estratégias, as maneiras como os militares impuseram durante a caçada aos “terroristas”, o medo aos moradores locais.

As estratégias dos militares para impor medo à população

Uma das estratégias que as Forças Armadas utilizaram para levar o medo à população da região foram as constantes perseguições aos moradores. Num clima em que todos eram tidos como suspeitos, o medo fazia parte do dia-a-dia das pessoas que moravam no Bico do Papagaio. Durante a busca de informações sobre os guerrilheiros, muitos moradores eram presos e torturados. Geralmente os locais para onde esses prisioneiros eram levados ficavam em Marabá, Bacaba (Pará) e Xambioá (norte de Goiás, hoje Tocantins). Em Xambioá, segundo depoimentos de alguns moradores, os prisioneiros eram jogados num imenso buraco, cavado na base militar, com uma enorme grade jogada por cima (apelidado de Vietnã), onde ficavam dezenas deles. Nus ou apenas de calção, os presos enfrentavam um sol muito intenso e chuvas constantes, comuns na região. A água para beber era jogada raramente e, a comida era servida poucas vezes. As necessidades fisiológicas eram feitas ali mesmo, o que causava um cheiro insuportável. O senhor José Pereira da Silva (Zé Ernestino) foi guia do Exército no período da guerrilha. Narrando sua vivência com os soldados e explicando o porquê de sua atuação junto aos mesmos, disse:

Porque os outro pessoal que eles ... por exemplo, o Sebastião Reinaldo que morava lá em Xambioá e mudou pro São Geraldo, ele vendeu muita coisa pra eles, munição, vendeu comida e tudo, e eles ... o Exército foi lá e com ele lá, e ele negou tudinho, mentiu. E teve um senhor Zé Novato também que era comprador de pedra sabe, convivia com eles lá, com eles e aí mentiu, negou que não conhecia ninguém e foi descoberto, esse povo bebeu água de camburão lá. Foi preso e botaram dentro de um buraco de quatro metro de fundura com chapéu de arame, e **bebeu água de camburão**, viu? Porque mentiu.⁴ (Grifos nossos)

Em entrevista concedida à revista **Veja**, o maranhense Alexandre Oliveira, guia do Exército durante algumas campanhas militares, relatou:

Eu não fui guia. Fui é preso, mesmo. Me amarraram as mãos cruzadas com os pés, passaram uma vara e me penduraram de cabeça para baixo. Volta e meia vinha um e dava botinada nas costas. Depois chegava outro e dava duas bofetadas nos ouvidos (VEJA, 6 de set. de 1978: 57-58).

⁴ Entrevista com o senhor José Pereira da Silva, conhecido como Zé Ernestino, concedida a este pesquisador em Araguaína – TO, em 26/06/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal. A expressão “beber água de camburão”, segundo seu Zé Ernestino, significa que a água dada aos prisioneiros ficava em tambores de ferro geralmente expostos ao sol.

A prática de investigar os moradores e principalmente torturar aqueles que tinham um contato maior com os guerrilheiros e moravam próximos aos mesmos, foi constante nessa época. Em vários depoimentos, encontramos referência a essa prática do Exército, a que os moradores se referem com o uso da palavra judiar. Falando dessa experiência traumática, o senhor Antônio Alves de Souza, morador das Abóboras, povoado próximo a São Geraldo do Araguaia (PA), disse:

Quando foi no outro dia, o helicóptero chegou, me pegaram jogaram dentro e trouxeram pra cá. Cheguei aqui quando eu bati na pista aqui foi mesmo que bater na mão de um bucado de gavião. Me pegaram logo, me saíram arrastando por cima de um bucado de toco com a corda amarrada no pescoço ... por cima de um bucado de toco ... de toco, aí levaram e me amarraram num pé de palmeira lá ... um toco de palmeira. Em baixo no toco da palmeira tinha um monte de formiga de fogo, eles assanharam aquelas formiga de fogo e foram amarraram ... ali as formigas invadiu meu corpo todinho, me morderam o tanto que quiseram, eu não podia me mexer ... Me morderam ... de vez em quando eles chegava e batia, de vez em quando chegava e batia com o facão ... Nunca fiquei bom direito, me bateram muito. Quando foi a partir das 5 horas da tarde me tiraram, levaram pro ... pra base ... lá pra barraca. Aí me botaram aquele choque, botaram choque, tiraram e me bateram muito com uns talo de coco ... com uns talo de coco era só pegando e ... “– e ele não conta não, peraí que vai contar!” ... me arrastaram assim, tinha uns tambor de água, desses tambor de 200 litro, pegava e tocava a cabeça pra baixo dentro daquele tambor. Quando tava já na hora de bater as botas, eles tirava pra fora ... tomava aquele fofo ... “– Conta, covarde, o que é que tu fazia pra os terrorista!” Eu não fazia nada. Nem eu fazia pra eles e nem eles fazia pra mim também. Eles tocava a vida deles pra lá e eu tocava a minha lá pra minha casa! “Não, ele não conta não!” Aí começaram a me judiar o resto do dia até umas horas.⁵

A prática da tortura não aconteceu apenas com os moradores locais, ela também foi utilizada com os religiosos que na época prestavam serviço naquela região do país. Padres e freiras, além de vigiados, eram, em muitos casos, acusados de serem guerrilheiros ou estar contribuindo com os mesmos. Por isso, o Exército utilizava a tortura para obter informações desses religiosos e também provocar medo na população. Contando sua experiência como soldado durante a guerrilha, o senhor Divino Martins dos Santos destacou essa estratégia:

Tivemos uma vez em Palestina e lá na época prenderam um padre, uma freira simplesmente porque eles eram irlandês, né?, recebia cartas dos familiares escrita em inglês, certo? E o pessoal achava que eles eram terroristas, então torturaram demais esse padre, a freira, né? O padre porque ele falava português muito ruim e ele era irlandês e recebia estas cartas em inglês, e a freira era brasileira, mais nas aulas de catequese ela rodava músicas de Roberto Carlos, e o pessoal lá achava que isso não era certo, coisas de Igreja e botar músicas de Roberto Carlos. E quando ela ia banhar no rio, ela vestia maiô. Então o pessoal da comunidade: “ela não é freira porque veste maiô ... e num sei quê” ... E como é que essa freira ia banhar no rio se não fosse de maiô? Então torturaram demais, inclusive o tenente determinou que eu torturasse a freira, não é? E ele tava torturando o padre e mandou que eu

⁵ Entrevista com o senhor Antônio Alves de Souza, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 03/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

torturasse a freira, e ela virou pra mim: “– Meu filho, não faz isso comigo não, eu tô menstruada, o senhor quer vê?” Eu falei: – Não, não precisa a senhora fica quietinha aí que ninguém vai te torturar. Eu não vou e não vou aceitar ninguém te torturar não. E ele torturou muito o padre e depois eles embarcaram eles lá, e eu não sei daí pra frente o que aconteceu não.⁶

É importante destacar que a Igreja Católica, nesse período, desempenhava um papel social bastante forte na região. Era comum a crítica à injustiça social, à fome, à miséria e ao analfabetismo, fazendo com que os religiosos fossem chamados de “padres comunistas”.

Dessa forma, o clima tenso instaurado pela presença do Exército (1972–1975) contribuiu, em nossa visão, para a exacerbação do medo entre a população. Vivia-se uma época em que as pessoas simples do Bico do Papagaio eram colocadas na linha de fogo, pois, além das constantes fiscalizações (barreiras) nas estradas, havia, em muitas cidades, o toque de recolher, durante o qual a população era proibida de sair às ruas a partir de determinada hora da noite e as mulheres não podiam andar sozinhas porque temiam ser atacadas pelos soldados. Foi dessa maneira que o senhor Ivaldo Santos Carvalho, conhecido como “Bacalhau”, lembrou o panorama de Xambioá na época da presença do Exército:

Ah, moço ... aqui ficou ... gente não podia sair de casa de noite, dava oito hora, oito e meia tinha que recolher todo mundo. Pegaram essa bem aqui mesmo, minha esposa que tava uma vez doente ... eu trabalhava com eles, mais eu tava de folga em casa eu, eu já tinha trabalhado com eles, já tinha saído, eu fui comprar um remédio pra ela na farmácia bem ali no mercado, eu fui abordado por eles, toda valencia que tava o capitão Izaias com eles fazendo rodízio, né? ... é fazendo ronda aí, foi que chegou, foi quem mim livrou, capitão Izaias.⁷

A vida simples, pacata e sossegada da população, na qual o tempo é quase estático, nesse período, passava pela tensão e a turbulência de uma guerra que os moradores pouco entendiam porque estava acontecendo. Algo bastante comum nas cidades da região, especificamente em Xambioá, foi a propaganda contra os chamados terroristas. Cartazes com fotos dos guerrilheiros eram fixados nos postes e paredes. O senhor Edson Costa, barqueiro em Xambioá na época, disse:

O Exército quando chegou aqui eles partiram primeiro foi quando ... colocando umas fotografias nos par ... nas portas aí ... dizendo, dizendo que era procurado aqueles elementos e tal ... Então todo mundo foi olhando e com o retrato ... esse aqui eu conheço, esse aqui eu conheço, esse aqui eu conheço ... vamos dizer eles tavam até ontem aqui, né?, hoje o Exército chegou ... e eles já tinham saído ... com o retrato correu a notícia logo. E todo mateiro que olhava na foto conhecia eles, né?

⁶ Entrevista com o senhor Divino Martins dos Santos, conhecido como Martins, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 06/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal. O padre citado no depoimento do Sr. Divino Martins é o Pe. Roberto de Valicourt, e a freira era a Irmã Maria das Graças.

⁷ Entrevista com o senhor Ivaldo Santos Carvalho, conhecido como Bacalhau, concedida a este pesquisador em Xambioá - TO, em 03/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

Então dizia – esse aqui eu conheço, fulano de tal, esse aqui eu conheço também, é a Dina, esse aqui é o Paulo, esse aqui é o Daniel e assim foi falando O Exército pegou e fez logo conhecimento com os mateiros e por aí por intermédio dos mateiros conseguiram encontrar muitas coisas que eles estavam querendo.⁸

A mesma informação também nos foi transmitida pelo senhor José Pereira da Silva (Zé Ernestino): “Botaram retrato de todo ... dos 69 nas prefeituras, coletorias, portas de escola. Botaram no São Geraldo, botaram em Araguaína, em toda cidade aqui do Araguaia toda tinha a fotografia dos 69 terroristas como eles botaram. Portas de mercado...”⁹

Percebemos, assim, que o medo foi institucionalizado pelo Estado, pois as estratégias usadas pelas Forças Armadas durante a guerrilha demonstram o objetivo central de provocar a intimidação/insegurança na população local, para que não se envolvesse e/ou apoiasse o projeto guerrilheiro. Assim, o próprio medo contribuiu para a instauração/imposição do silêncio sobre a guerra.

Partindo do princípio de que o medo pode ser percebido de forma múltipla, vimos que a presença marcante das Forças Armadas, o número excessivo de soldados, armas, helicópteros e aviões incutiram em muitos moradores o medo de que os combates aos guerrilheiros fossem estendidos a toda população da região, ou seja, a guerra na visão dos moradores poderia ter um alcance bem maior – a existência de uma guerra civil. Nesse contexto, afirma o senhor Antônio Almeida dos Santos, lavrador e morador de Tocantinópolis, ao se referir à guerrilha:

As poucas notícias da Guerrilha do Araguaia e aonde aqui perto tinha acampamento, aqui próximo de Xambioá, nessa mata aqui próximo de Araguatins – o acampamento do **povo da mata**,¹⁰ deixava todo mundo surpeticioso, apavorado, em outras palavras, com medo de uma represália a qualquer hora, e o clima foi tenso. (...) O medo que uma brigada, que alguém pagasse custo ... Era o medo que a gente tinha. A gente tinha medo de que tivesse um confronto e quem não deve ia pagar junto. Era o medo que a gente tinha na época.¹¹ (Grifos nossos)

O depoimento do senhor Antônio Almeida caracteriza bem o clima na região do Bico do Papagaio durante a guerrilha, destacado como “supersticioso” “apavorado” e “tenso”. Nesse contexto, as palavras do nosso depoente resumem a sensação de insegurança por parte da população, ou seja, os moradores tinham medo de uma ação mais ofensiva por parte dos militares, na qual todos acabassem sendo envolvidos: “e quem não deve ia pagar junto”.

⁸ Entrevista com o senhor Edson Costa, concedida a este pesquisador em Xambioá – TO, em 01/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

⁹ Entrevista com o senhor José Pereira da Silva, conhecido como Zé Ernestino, concedida a este pesquisador em Araguaína – TO, em 26/06/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

¹⁰ Povo da mata – termo usado por alguns moradores para se referir aos guerrilheiros.

¹¹ Entrevista com o senhor Antônio Almeida dos Santos, concedida a este pesquisador em Tocantinópolis – TO, em 16/06/2005. Gravação em fita microcassete e transcrita. Arquivo pessoal.

Devido ao medo presente na população, muitos moradores denominam a fase da guerrilha como uma “época de conversar pouco e de saber com quem conversar”, pois, no período, qualquer indício de conhecimento ou contato com os guerrilheiros era interpretado pelos militares como alguém ligado ao movimento. O medo de ser judiado fazia com que muitos moradores não conversassem sobre o assunto na época. Foi assim que se referiu o senhor João de Deus Nazaro de Abreu:

É pra algumas pessoas eu tive, assim porque naquela época a gente tinha que **conversar pouco e saber com quem conversar**, porque se não a gente ia ser alguma coisa ... Se a gente conversasse sobre o movimento do pessoal do Exército, dos policial, né?, as vezes a gente ia ser judiado, às vezes alguma palavra que a gente dizia eles pensava que a gente era também do lado do pessoal, né?, da guerrilha, né?¹²

Observação semelhante fez o senhor Edézio Gomes, quando lembrou do clima de medo instaurado na região com a presença dos militares: “Naquele tempo a gente tinha medo, claro que tinha. Hoje eu não tenho medo mais não, eu conto o que eu sei, o que eu vi. Mas naquele tempo quem era doido pra falar alguma coisa moço, você tá maluco?! Falava não, falava mais era cochichando assim caladinho ali, mas pra falar, não, pera aí”.¹³

Assim percebemos segundo o depoimento dos moradores que a prática do medo pelos militares, foi uma estratégia utilizada para dividir a população. Medo esse que durante o regime militar passou a ser institucionalizado pelo próprio Estado. A quem reclamar das ameaças e torturas? Ao governo? À justiça? Não havia, assim, uma saída para aquela situação. As formas utilizadas pelos militares para caçar e matar os guerrilheiros, exibindo-os sem vida à população, o número exagerado de soldados e o aparato utilizado nas operações demonstram a intenção de causar pânico na população do Bico do Papagaio. Será que essa prática seria inevitável?

Houve, portanto, a partir da visão dos moradores entrevistados neste trabalho, um exagero nas ações das Forças Armadas (Exército e Aeronáutica) em relação aos “paulistas” e aos próprios moradores da região que tiveram um contato maior com os mesmos. Em muitos casos, os militares justificavam a violência contra os guerrilheiros e os moradores como uma necessidade e uma inevitabilidade histórica, quando, de fato, foi uma escolha por parte do Estado.

¹² Entrevista com o senhor João de Deus Nazaro de Abreu, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia – PA, em 05/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

¹³ Entrevista com o senhor Edézio Gomes da Silva, concedida a este pesquisador em São Geraldo do Araguaia – PA, em 07/07/2007. Gravação digital e transcrita. Arquivo Pessoal.

Referências

- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 5ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. **Guerrilha do Araguaia** – a esquerda em armas. Goiânia: UFG, 1997.
- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- FELIPE, Gilvane. **A Guerrilha do Araguaia** (Brasil: 1966–1975). Tese de doutorado apresentada ao Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine (IHEAL). Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris III), 1993.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. **Operação Araguaia: Os Arquivos secretos da Guerrilha**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. A saga do Araguaia. São Paulo: Global, 2002.
- Revista **Veja**. São Paulo: Abril, Edição de 06 de set de 1978. pp. 52-58.
- SILVA, Wellington Sampaio da. **A Guerra Silenciada: memória histórica dos moradores do Bico do Papagaio sobre a Guerrilha do Araguaia**. Dissertação de mestrado. UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2008.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. I.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.